

Golfo Pérsico: o corvo e a raposa

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA

Neste momento o Iraque não foi expulso do Kuwait e sim do século 20. Como em todas as guerras, questiona-se onde foi parar a racionalidade humana.

A questão é crucial, principalmente para nós da comunidade científica que vemos o desenvolvimento tecnológico destinado à criação e ampliação dos mercados da morte. No golfo Pérsico falou-se em guerra tecnológica e em bombas inteligentes, atributo até há pouco tempo exclusivo de raros homens. Mas o principal instrumento da vitória da destruição foi a aviação, apoiada pelo monitoramento do território iraquiano por satélites.

Quem se lembra que as modernas aeronaves de guerra são filhas da heróica aviação civil, na qual um brasileiro —estudante interno do Colégio Culto à Ciência de Campinas— teve decisiva participação em seu nascimento?

Primeiro homem a decolar e voar com um aparelho mais pesado que o ar, Santos Dumont escreveu, no início do século, palavras que merecem ser lembradas neste fim de milênio:

"Nós, os fundadores da locomoção aérea no fim do século passado, tínhamos sonhado um futuro caminho de glória pacífica para esta filha dos nossos desvelos. Lembro-me perfeitamente que naquele fim de século e nos primeiros anos do atual, (...) pouco se falou em guerra, prevíamos que os aeronautas poderiam, talvez, no futuro, servir de esclarecedores para os estados maiores dos exércitos, nunca, porém, nos veio à idéia que eles pudessem desempenhar funções destruidoras nos combates. Bastante conheci todos esses sonhadores, centenas dos quais deram a vida pela nossa idéia, para poder agora afirmar que jamais nos

passou pela mente, pudessem, no futuro, os nossos sucessores, ser 'mandados' a atacar cidades indefesas, cheias de crianças, mulheres e velhos e, o que é mais, atacar hospitais onde abnegação e humanitarismo dos rivais reúne, sob o mesmo teto e o mesmo carinho, os feridos e moribundos dos dois campos."

O ataque às populações civis tomou tintas de genocídio, nas imagens dos abrigos e casas da massacrada Bagdá, aquela das mil e uma noites. Nos territórios ocupados pelo Iraque, despejaram-se toneladas de bombas e mísseis de altíssimo poder explosivo, inexistentes na época do Vietnã. Nos territórios ocupados por Israel, 2 milhões de palestinos ficaram durante meses prisioneiros em suas casas e sem máscaras contra gases tóxicos. Não fossem os Patriots, os Scuds do Iraque teriam causado inúmeras vítimas civis inocentes em Israel e na Arábia Saudita.

Fundada no ano 638, a cidade de Basrah foi quase tirada do mapa pelos bombardeios aeronavais norte-americanos, pela ocupação dos xiitas e reocupação da Guarda Republicana de Sadam Hussein. Suas escolas sistematizaram no século 8, as regras da gramática que servem de base ao árabe clássico de hoje. Foi um lugar de culto à ciência em árabe. O mesmo árabe daqueles textos e livros que ajudaram o Ocidente a sair das trevas da Idade Média para o Renascimento, através do reencontro com a tradição greco-romana. Ao absurdo de todas as guerras anteriores soma-se nesta inédita dimensão da destruição do meio ambiente, com a qual nosso Santos Dumont sequer sonhou.

Há meses na Suíça, numa reunião científica internacional sobre as mudan-

ças do clima na Terra sob a ação do homem, o secretário do meio ambiente da Jordânia, o físico Abdullah Toukan e o próprio rei Hussein apresentaram para muitos incrédulos um estudo detalhado dos impactos ambientais de uma eventual guerra no Golfo. Hoje os resultados da guerra sobre o meio ambiente dispensam comentários. Não há "Plano Marshall" que possa dar jeito. Ecossistemas não se reconstruem como economias.

Mas a insanidade desta guerra poderá ir muito mais longe, nos milhares de quilômetros minados e repletos de artefatos que não explodiram, no prosseguimento da guerra civil e nas execuções de palestinos no Kuwait. As autoridades seguem vítimas de suas retóricas, mortíferas e insanas. Enquanto isso crianças, em particular, e civis, em geral, continuam morrendo. A chegada da primavera deverá ampliar a mortalidade por epidemias. A televisão sob censura tentou nos explicar tudo em termos de bandidos e mocinhos. Difícil no caso de velhos, mulheres, jovens e crianças calcinadas. Difícil no caso de ecossistemas irremediavelmente destruídos. As guerras são sempre grandes perdas para muitos e muitos lucros para poucos. Os acionistas das indústrias de armas que o digam. Para os povos vitimados onde estão os heróis do golfo Pérsico? Enquanto você lia este artigo mais de 5 mil barris de petróleo queimaram no Kuwait em tributo à insanidade. Ali, como na fábula do corvo e da raposa, é sempre o queijo quem perde.

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA, 38, é doutor em Ecologia, professor da USP e chefe do Núcleo de Monitoramento Ambiental da Embrapa em Campinas.

